

A compreensão heideggeriana do conceito de metafísica

Tatiana Betanin¹

RESUMO

Este artigo visa reconstruir a explicitação da origem e da história da palavra “metafísica” realizada por Heidegger no livro *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Iniciamos destacando a significação originária de *phýsis* para esclarecer o significado do termo “física” que compõe a palavra “metafísica”. Em seguida, abordaremos, brevemente, o conceito de *phýsis* tal como aparece no pensamento de Aristóteles para, a partir disso, esclarecer o contexto em que surge o significado de *metà*, e, assim, a transformação na compreensão da metafísica bem como da filosofia. Para finalizar destacamos a relação entre filosofia, metafísica e transcendência para mostrar que elas são o próprio ser-aí.

PALAVRAS-CHAVE

Filosofia; Heidegger; Metafísica.

¹ Mestra em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É professora de filosofia para alunos do ensino médio.

E-mail: tatibetanin@yahoo.com.br .

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8180785837118265> .

Heideggerian understanding of the concept of metaphysics

ABSTRACT

The following article aims to restore the explanation of the origin and history of the word "metaphysics" according to Heidegger in the book *The Fundamental Concepts of Metaphysics: World, Finitude, Solitude*. Therefore, we will start by highlighting the real meaning of phýsis in order to thoroughly understand the definition for the term "physics", which composes the word "metaphysics". Furthermore, we will briefly address the concept of phýsis as stated by Aristotle, in order to clarify the context in which the meaning of *metà* arises, and consequently, analyze the transformation in the understanding of metaphysics as well as in philosophy. Lastly, it will be emphasized the relationship among philosophy, metaphysics and transcendence so as to show that they are the very being-there.

PALAVRAS-CHAVE

Philosophy; Heidegger; Metaphysics.

Em Heidegger há uma equiparação entre filosofia e metafísica. A história da filosofia é compreendida como a história da metafísica. Certamente, aqui, a metafísica não é considerada em seu sentido tradicional, tampouco é compreendida como uma área de conhecimento entre outras como é a lógica, a ética, a estética, quer dizer, não é uma parte entre outras que compõem o corpo (de conhecimento) da filosofia. O que significa, então, metafísica? É adentrando no interior da história da filosofia antiga que Heidegger descobre o significado originário da palavra metafísica, mostra o desdobramento de sua significação e a sua transformação em conteúdo de filosofia. O que nos guiará na apresentação da origem e da história da palavra “metafísica” será o terceiro capítulo das Considerações Prévias do livro *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*.

Em sua origem grega, a palavra “metafísica” é composta por dois radicais *meta* + *física*, e, para compreendê-la de modo mais íntimo e profundo, é necessária a elucidação do significado desses dois termos. Seguindo o caminho traçado por Heidegger, iniciaremos com o esclarecimento da palavra “metafísica”, resgatando o significado originário do último termo, “*física*”, o qual mantém uma íntima relação com o termo *phýsis*. A palavra grega *phýsis* é comumente traduzida como natureza, termo que, por sua vez, vem do latim “*natura*”, que significa nascer, crescer, surgir. No entanto, mais do que crescimento em sentido vulgar e restrito, “*phýsis* significa o crescente, o crescimento, o que propriamente cresceu em um tal crescimento” (HEIDEGGER, 2006, p. 32). O crescimento, nesse sentido, é mais do que o movimento próprio do que tem vida, ele significa o acontecimento que permeia a vida em seu processo de mudança. É preciso levar em conta esse conceito originário e amplo de *natura* para que não ocorra uma compreensão errônea e simplificada do significado de *phýsis*.

Para diferenciar a concepção ampla (natureza como acontecimento) da restrita (natureza como crescimento), Heidegger traduz o termo *phýsis* pela expressão: “a vigência autoinstauradora do ente na totalidade”. Vigência tem o sentido daquilo que está em vigor em toda vida, ou ainda, no ente em sua totalidade. Segundo ele, o termo *phýsis*, quando é utilizado pelos antigos pensadores, tem o significado de natureza em um sentido originário e amplo, e não em um sentido estreito. Pelo fato de que isso é ignorado, equivocadamente, nomeamos os primeiros pensadores como “filósofos da natureza”.

Assim, se comparamos os dois sentidos de *phýsis*, temos a natureza significando a totalidade dos entes naturais, ou, nas palavras de Heidegger, é o vigente mesmo. Mais precisamente: são as plantas, os animais, os astros, o mar, a terra, enfim, tudo aquilo de que o homem se serve e busca controlar; aquilo que o protege e sustenta, mas que também o ameaça. É aquilo que subsiste por si mesmo e que se opõe ao que é produzido e criado pelo homem. A

natureza, nesse sentido, é aquilo que para os gregos é eterno, pois nem surge nem perece, mas existe sempre. Já a *phýsis* em sua significação originária não é a natureza entendida como aquilo que existe separada e independentemente do homem, mas é compreendida como um acontecimento que se dá em tudo aquilo que vive, como aquilo que traspassa o existente, ou ainda, em termos heideggerianos, é a vigência do vigente: “É a vigência que deixa todo e qualquer vigente ser o que é”. Por este motivo, essa vigência, enquanto natureza de todo e qualquer ente, é denominada de essência do ente (HEIDEGGER, 2006, p. 38).

Heidegger, ao esclarecer essa dupla significação de *phýsis*, ao mesmo tempo, explicita o papel do filósofo. A *phýsis* enquanto a vigência do ente total é algo que tende a esconder-se, então cabe ao filósofo, por meio do *lógos*, retirá-la do seu ocultamento. Nas palavras do próprio pensador: “*phýsis*, a vigência do vigente; *lógos*, a palavra que retira esta vigência do velamento. Tudo o que acontece nesta palavra é coisa da *sophia*: ou seja, dos filósofos” (HEIDEGGER, 2006, p. 35). Filósofo é, assim, o título que deve se dar para quem investiga a *phýsis*, para aquele que a exprime no discurso, que a traz à manifestação, enfim, para aquele que descobre ou desvela através do *lógos* a vigência do vigente. Os primeiros filósofos articulam no *lógos* (discurso) uma compreensão da vigência auto instauradora do ente, que, por sua vez, é uma compreensão construída a partir de uma postura adequada em relação à totalidade ôntica e com um esforço de entendimento do pensador, condições para se alcançar a sabedoria e, em posse disso, o filósofo adquirir o *status* de sábio².

A significação originária de *phýsis* que explicitamos até aqui esclareceu o significado do termo “física”, que compõe a palavra metafísica. Porém, ainda nos resta explicar o sentido de “meta”. É exatamente isso que pretendemos fazer em seguida, e, para isso, ainda seguindo os passos de Heidegger abordaremos, brevemente, o conceito de *phýsis* tal como aparece no pensamento de Aristóteles para, a partir disso, esclarecer o contexto em que surge o significado de *metà* e também a transformação na compreensão a respeito da metafísica e da própria filosofia.

Em Aristóteles, tal como no pensamento dos pré-socráticos, a *phýsis* possui uma dupla

² É possível obter maiores informações a respeito da postura própria dos antigos pensadores bem como em relação ao significado de “filósofo” no texto de 1955 chamado *O que é isto - a filosofia?*. Nesse texto, Heidegger resgata o pensamento de Heráclito e a partir disso explica o significado do verbo *philien*, comumente traduzido como amor ou amizade. Na perspectiva de Heráclito *philien* representa a harmonia ou a correspondência ao *Lógos*. Lembremos, no entanto, que *Lógos* não tem aqui o sentido de discurso, mas, antes disso, o sentido de ordem, simultaneamente justa, bela e perfeita, chamada pelos gregos de *cosmos*. Seguindo o raciocínio heideggeriano, temos a afirmação de que corresponder ao *Lógos* é o mesmo que estar de acordo ou em harmonia com o *sophón*. O filósofo, então, enquanto aquele que tem *philia*, está em uma relação harmoniosa com o todo ordenado, o *cosmos*, ou, nas palavras de Heidegger, “é aquele, *hòs phileí tò sophón*, que ama o *sophòn*” (HEIDEGGER, 1979, p. 17).

significação. Ela é compreendida como sendo, por um lado, a totalidade dos entes (no sentido de natureza) e, por outro lado, como *ousia*. A *ousia* é usada para nomear aquilo que transforma o ente em um ente, ou seja, ela é considerada a essência do ente e o seu ser. As duas significações de *phýsis* são aparentemente diferentes, mas internamente possuem uma conexão, mais do que isso, uma unidade, já que aparecem reunidas em um único conceito, a saber, o de filosofia primeira. Segundo Aristóteles, a filosofia primeira é um duplo perguntar: o perguntar pela causa primeira e última da totalidade dos entes e, além disso, é um questionamento pelo ente enquanto ente, o que significa perguntar pela *ousia*. Nas palavras de Heidegger,

o filosofar próprio pergunta pela *phýsis* nesta dupla significação, pelo ente mesmo e pelo ser. Conquanto a filosofia pergunte pelo ente mesmo, ela não transforma uma coisa qualquer em objeto, mas direciona este perguntar para o ente na totalidade. Uma vez que o caráter fundamental deste ente e de seu ser é o movimento, a pergunta originária retorna ao primeiro motor, ao mais derradeiro e extremo, que é ao mesmo tempo designado como o divino (...) (2006, p. 42).

Nesse sentido, é tarefa da filosofia perguntar por aquilo que pertence a todo e qualquer ente, ou seja, pela condição de possibilidade da existência do ente. Na tentativa de responder à pergunta pelo ente enquanto ente, Aristóteles elenca uma série de determinações (propriedades) universais que se apresentam em todo e qualquer ente, as quais são chamadas de categorias. Temos como exemplo de categorias a unidade, o ato, a potência, etc. Além da elaboração dessas determinações, é, em segundo lugar, tarefa da filosofia perguntar pelo próprio ente mesmo, isto é, pelo ente enquanto causa da totalidade ôntica. A filosofia, nesse caso, é um questionamento pelo mais elevado e derradeiro, por um ente mais originário, pelo divino. O conhecimento do ente divino é chamado, por Aristóteles, de teologia (HEIDEGGER, 2006, p. 52). Assim sendo, denomina-se como *prima philosophia* tanto o conhecimento teológico quanto o conhecimento do ente enquanto ente, que mais tarde é denominado de ontologia³.

Heidegger, em meio à caracterização dos dois direcionamentos do filosofar autêntico, nos lembra de que o filósofo Aristóteles escreveu diferentes tratados e preleções aleatoriamente, sem nunca se preocupar em fazer de sua filosofia um sistema. Os seus escritos se construíram a partir da situação, inquietação e questionamentos do próprio filósofo, enfim, a partir dos problemas mesmo. Somente posteriormente, quando foram ordenados e organizados, é que, de fato, constituíram um sistema. Em outras palavras, se hoje há um sistema da filosofia

3 O termo “ontologia” não é usado por Aristóteles, mas foi cunhado mais tarde para designar o conhecimento do ente como ente e que posteriormente é designado de metafísica geral. É igualmente depois de Aristóteles que se emprega o termo metafísica especial para fazer referência à teologia.

aristotélica assim como platônica é somente porque isso foi forjado por pensadores tardios que ordenaram e classificaram o material esparso e divergente tanto de Platão quanto de Aristóteles.

Entre os escritos aristotélicos esparso e divergentes estavam aqueles que representavam a filosofia primeira. Tais escritos, ao serem organizados e classificados, deveriam ser enquadrados em uma das três áreas da filosofia que existiam na época: física, ética, lógica. Contudo, o que era considerado como sendo propriamente a filosofia não possuía nenhuma relação com as três áreas da filosofia. Ou seja, o essencial não se deixava subsumir, pois o discutido na filosofia primeira não tem relação com a área que discute o que diz respeito ao fazer e não-fazer humano, as atitudes e posturas; tampouco tem uma relação com a área que discute questões ligadas ao discurso, a fala. Já com a física (disciplina que tratava de questões e fenômenos naturais) até existia uma proximidade, porém, as questões da filosofia primeira eram mais amplas e fundamentais. É, então, nessa situação que se emprega, pela primeira vez, a palavra “meta”. Em outras palavras, é na impossibilidade de se encaixar o questionamento da *phýsis*, mais precisamente, o perguntar pelo ente enquanto ente e pelo ente em geral no interior da física que surge a palavra “meta-física”.

Segundo Heidegger, em sua etimologia o termo “meta” possui dois significados. Em grego *meta* significa “por detrás de”, “em seguida a”, “depois”, o que corresponde à palavra latina *post*. Além disso, significa “sair de uma coisa e se dirigir para outra” ou “ir de um para outro lugar”. No latim, essa segunda significação de *meta* é representada pela palavra *trans*. Em um primeiro momento, se utiliza a palavra *meta* no primeiro sentido, pois, como não é possível ordenar o conteúdo da filosofia primeira no interior da física, se colocou a filosofia por detrás da física e, assim, ela passou a ser chamada de meta-física. Posteriormente, como ressalta Heidegger, ocorre a conversão da palavra grega *meta-física* no vocábulo latino *metafísica* e com isso se altera o significado do termo *meta*. Isso quer dizer: a filosofia quando deixa de ser considerada como aquilo que vem depois da física passa a ser compreendida como aquele questionamento que ultrapassa a física, mais exatamente, como aquilo que “se lança para fora da física e se direciona para um outro ente, para o ente em geral e para o que é verdadeiramente ente” (HEIDEGGER, 2006, p. 47).

A filosofia primeira, então, pode ser compreendida como metafísica não porque essa é um conhecimento que vem “depois de”, e sim porque é um conhecimento no sentido que “vai além”, ou ainda, transcende o físico ou o sensível. Transcende-se o sensível procurando pelo ente mesmo, isto é, pelo divino e, igualmente, para investigar o ente enquanto ente. No primeiro caso, é um ir além no sentido de projetar-se para fora do físico, enquanto, no segundo caso, se trata de um ir além no sentido de buscar o que está por trás do físico, aquilo que não se mostra

no próprio ente, mas que pertence a ele. Em outros termos, há duas maneiras diversas de nos encontrarmos além:

no primeiro caso, junto ao conhecimento teológico, trata-se do conhecimento do não-sensível — do não-sensível compreendido como um ente específico que se encontra para além dos sentidos; no segundo caso (...) trata-se de um não-sensível, embora não de um supra-sensível — trata-se de um não-sensível que não é acessível através dos sentidos (HEIDEGGER, 2006, p. 53-54).

Em síntese, reconhecemos que Aristóteles não conheceu o termo metafísica, mas tal palavra surgiu diante da necessidade de classificar os escritos aristotélicos. Mais do que isso, tornou-se evidente que a filosofia primeira, em seus dois direcionamentos, é metafísica não por ser um conhecimento que se encontra em uma posição posterior ao conhecimento da física, mas porque é um conhecimento que vai além do sensível. O “ir além” possui dois significados: o de transcender o sensível em busca do suprassensível e o de transcender o sensível em busca daquilo que não é acessível de modo empírico, ou seja, da dimensão não física do ente. Na perspectiva de Heidegger, essa segunda significação foi mal compreendida na tradição filosófica, porque, quando se considerou a metafísica como um conhecimento que transcende o sensível ou o físico, simplesmente entendeu-se o ir além como um projetar-se em direção a outro ente: ou busca-se pelo ente divino ou pelas propriedades (determinações) universais do ente. Assim, considera-se que “o ente para o qual transcendo, projetando para fora do físico, não se diferencia fundamentalmente do ente físico senão através da diversidade que existe entre o sensível e o suprassensível” (HEIDEGGER, 2006, p. 53).

Com a reconfiguração do significado da palavra metafísica ou, mais precisamente, na medida em que ela passa a ser compreendida como um questionamento que transcende o ente em direção a outro ente, a metafísica torna-se um conteúdo da filosofia primeira. Assim sendo, é tratada como uma área de conhecimento entre outras e, por isso, compreendida como uma disciplina escolar. É essa compreensão de metafísica que nas palavras de Heidegger, decide “o destino da filosofia propriamente dita no ocidente” (HEIDEGGER, 2006, p. 47). Essa compreensão determinada, segundo Heidegger, “se manteve através da Renascença, do Humanismo e do Idealismo Alemão e que só agora lentamente começamos a compreender em sua inverdade. O primeiro a conceber isso talvez tenha sido Nietzsche” (HEIDEGGER, 2006, p. 51).

Heidegger, quando compreende a metafísica como denominação de filosofia, considera-a em sua segunda significação, a saber, como o ir além que investiga a dimensão não física do ente, aquela que pertence aos entes mas que não é acessível através dos sentidos. A respeito

disso ele afirma:

ao dizermos que a filosofia é um questionar metafísico, tomamos o termo “metafísica” em sua segunda significação, em sua significação de conteúdo. Desta feita tomamos a metafísica como o título para a filosofia primeira; e isto não apenas como mero título, mas de um tal modo que esta palavra passa a expressar o que é o filosofar propriamente dito (HEIDEGGER, 2006, p. 48).

O filosofar propriamente dito é aquele que transcende o ente, é o “ir além” do ente, mas não em direção a outro ente, e sim ao ser. Dito de outro modo, na filosofia autêntica, o não acessível pelos sentidos não é outro ente, mas o ser. Na perspectiva heideggeriana, o que acontece na tradição é uma compreensão parcial e determinada, não real e efetiva da filosofia autêntica representada pelo termo metafísica. A filosofia autêntica foi compreendida apenas como um conhecimento do não-sensível e em função disso aplicou-se, para representá-la, o termo metafísica. Heidegger afirma que a sua tarefa era apresentar o significado real e efetivo de metafísica a partir da compreensão originária da filosofia aristotélica. Em outro sentido, sua preocupação foi mostrar que se a filosofia primeira pode, por um lado, ser compreendida como o questionamento do domínio do hiperfísico (o suprassensível); por outro lado, pode ser compreendida como o questionamento de uma dimensão da realidade que não é dada a nenhuma experiência possível (o não-sensível). Pelo fato de que o questionamento que ocorre nessas duas direções ser um “ir além” do ente, conseqüentemente, a filosofia, enquanto metafísica, é a transcendência do ente.

Na filosofia heideggeriana, certamente, há a preocupação com a questão da unidade entre os dois direcionamentos do filosofar autêntico além da preocupação com a elaboração de uma resposta à pergunta pelo ser, e, do mesmo modo, a questão do sentido do ser. Heidegger reconhece que Aristóteles, com a sua definição de *ousia* e com as determinações universais do ente, oferece uma resposta acerca do ser do ente, mas isso já no decurso do pensamento grego. A conceituação da entidade do ente que resulta da interrogação pelo ente enquanto ente oferece uma caracterização acerca do ser, mas não pensa no próprio ser. Não pensa nem pode pensar porque sequer coloca a pergunta pelo ser enquanto ser. Quando o pensamento se ocupa do ente enquanto ente, o seu objeto de análise não é o ser. O ser, diz Heidegger, é outro em relação ao ente e não se deixa efetivamente ser apreendido na interrogação pelo ente. A resposta dada ao longo da história da filosofia à questão do ente como ente, segundo Heidegger, apenas ilumina o ser, ou seja, na explicação do ente se constata que o ser é um acontecimento que se dá em tudo o que existe sem, no entanto, acontecer a explicitação da verdade do ser.

É por isso que, no pensamento heideggeriano, há um retorno às origens da filosofia já

que aqui a metafísica efetivamente começa, ou ainda, aqui a questão do ser é colocada e respondida. O retorno às origens é realizado, por exemplo, no texto de 1955 chamado *O que é isto - a filosofia?*, o qual evidência o significado originário de *philo + sophia* e contribui não somente para o esclarecimento da constatação heideggeriana de que a filosofia não é distinta da metafísica senão também da afirmação de que, enquanto metafísica, a filosofia é transcendência e, como tal, pertence à essência do ser-aí. Isso, no entanto, é tema para outro momento. Por ora, faremos somente breves considerações em torno disso e, assim sendo, finalizamos sinalizando a íntima relação entre a metafísica e os conceitos de mundo, finitude e solidão.

A *philosophia*, desde a sua origem, começa com uma perturbação: o espanto. Se não fôssemos tocados pelo mistério do ser-aí e das coisas, se não experimentássemos junto ao que somos e ao todo do ente uma perturbação, um estranhamento, uma inquietação, então não seria possível fazer filosofia. Em outros termos, a *philosophia* acontece desde que sejamos tocados, perturbados, inquietados, convocados, enfim, despertados na nossa existência em meio ao ente. A filosofia, portanto, é contrária ao aquietamento, à acomodação e ao conformismo, pois, sem a perturbação, seja ela de que tipo for, não há um despertar e, portanto, as questões metafísicas não são colocadas, logo, o filosofar não acontece.

Na perspectiva heideggeriana, a filosofia é, antes de tudo, uma inclinação, isto é, uma possibilidade de ser e, enquanto tal, não acontece separada do próprio existir. Ela pertence à própria essência do existente humano, uma vez que é próprio desse ente se colocar questões metafísicas. Isso acontece, geralmente, diante das circunstâncias da vida, mais precisamente, mediante o estranhamento frente a totalidade do ente, em situações de medo, angústia, sofrimento, inquietação. A filosofia, portanto, tem uma íntima relação com o existir, pois é a existência, em suas situações histórico-existenciais, que possibilita colocar em movimento o filosofar. Nesse sentido, podemos dizer que os diferentes tipos de perturbações funcionam, em última instância, como condição de possibilidade da filosofia autêntica porque é a partir disso que rompemos o nosso envolvimento com o ente, enfim, nos distanciamos ou desconectamos da totalidade ôntica.

Do fato do existente humano ser perturbado pelo mundo e, portanto, deixar de viver distraído e perdido na totalidade dos entes pode irromper nele a *philia*, a inclinação voluntária para o saber. A filosofia é, então, uma possibilidade que pertence à essência do existente humano e que surge quando, devido à perturbação, transcendemos o ente. É da transcendência do ente que surge o questionamento filosófico, ou ainda, é no ir além do sensível ou físico que nasce a metafísica. Desse modo, além da filosofia ser reconhecida, desde o início, como metafísica, ainda há o reconhecimento de que a metafísica está fundamentada na transcendência

do existente humano e, assim sendo, muito mais do que um conteúdo de filosofia, “a metafísica é o acontecimento essencial no âmbito do ser-aí. Ela é o próprio ser-aí” (HEIDEGGER, 1979, p. 44).

Para finalizar, é importante, para as considerações apresentadas, a lembrança de Heidegger sobre a concepção que Novalis oferece de filosofia: “a filosofia é propriamente uma saudade da pátria, um impulso para se estar por toda parte em casa” (HEIDEGGER, 2006, p. 6). Essa saudade caracterizada como sendo o impulso de estar em casa anuncia o estranhamento com o mundo. O impulso só existe porque há o sentimento de “não estar em casa”, a não familiaridade com o mundo — o todo dos entes. É a partir disso, da perturbação ou do estranhamento, que se desenvolve a busca pelo “sentir-se em casa em qualquer lugar”, e, nessa direção, surgem as questões metafísicas, originariamente, a pergunta pelo ente e pelo ser, o que coloca em movimento, ou, ainda, dá vida ao próprio filosofar. Na definição de filosofia apresentada por Novalis, não há nada de novo sendo anunciado: apenas se diz poeticamente o que já foi dito filosoficamente pelos pensadores gregos. Segundo Platão e Aristóteles, é pelo espanto que há filosofia, ou seja, o espanto é aquilo de onde surge a filosofia, mas, além de causa, é também a razão pela qual os homens continuam a filosofar.

O espanto é compreendido por Heidegger como sendo uma disposição, mas não no sentido de tonalidade afetiva interior (sentimento), e sim de abertura, na qual e para o qual o ente e o próprio ser podem ser colocados em questão. Além do espanto, há, segundo Heidegger, outras tonalidades afetivas fundamentais do filosofar, sendo uma delas a angústia. Atualmente, o que nos angustia não é exatamente o mundo, a finitude e a solidão? No que parece, esse é o caso da situação histórico-existencial em que se encontra a nossa existência. O ser-no-mundo completamente envolvido e abstraído pelo mundo das ocupações é perturbado: há uma ameaça à vida e uma necessidade de isolamento social. Essa situação existencial nos retira da nossa perdição, distração e absorção mundana e nos causa o estranhamento; nos coloca em contato tanto com a possibilidade fundamental do ser-no-mundo, a finitude quando ocasiona a solidão. Essa solidão acontece no isolamento social, mas não necessariamente pelo fato de que isolados ficamos sozinhos. O isolamento social pode acontecer junto com os outros (familiares) e ainda assim existir a solidão. A solidão, na perspectiva heideggeriana, é a singularização. Essa singularização diz respeito ao ficar a sós consigo mesmo ou ficar mais íntimo do seu próprio si mesmo, o que é possível através da perda da familiaridade com o mundo.

Há, na condição em que nos encontramos, o estranhamento, o medo diante da possibilidade da morte e a solidão como singularização e nos parece que isso pode provocar a angústia existencial. Ela pode nos fazer realizar a transcendência na imanência e, assim, pôr em

movimento o filosofar. A angústia existencial em relação ao mundo, à finitude e à solidão nos coloca no âmbito em que o existente humano tem a possibilidade de repensar todo ser no-mundo (o ser-em, o mundo e a si mesmo) e recolocar a questão do significado do ser, seja no sentido não-sensível quanto no de suprassensível. A angústia, então, nos coloca na abertura para a filosofia enquanto metafísica, contudo para adentrar na metafísica é preciso uma atitude de coragem, pois, além de constatar a existência angústia, é preciso não fugir dela, mas deixar que ela se manifeste. Enfim, é preciso vivê-la para, daí sim, afinado com ela filosofar nestes novos tempos.

BIBLIOGRAFIA

HEIDEGGER, Martin. *Os Conceitos Fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. Que é isto – a filosofia?. In: *Conferências e escritos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.